

XIII SALÃO DE  
**ENSINO**

**UFRGS**

PROGRAD RELINTER  
PROPG CAF  
SEAD SAI

CONHECIMENTO FORMAÇÃO INOVAÇÃO  
Salão UFRGS 2017

múltipla  
**UNIVERSIDADE**  
inovadora inspiradora

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS   |
| <b>Ano</b>        | 2017  |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale - UFRGS  |
| <b>Título</b>     | “Nós” como “outros”: discussões sobre etnocentrismo e preconceito com turmas de Ensino Médio na Escola Técnica Irmão Pedro (Porto Alegre, RS) |
| <b>Autor</b>      | OTAVIO AUGUSTO KLEIN TRAVI  |
| <b>Orientador</b> | FERNANDO SEFFNER  |

**RESUMO:** Este trabalho parte de uma experiência docente proporcionada pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PIBID-UFRGS) no subprojeto História, e de algumas reflexões e provocações que essa experiência causou em alguns professores e professoras em formação. É, portanto uma proposta coletiva, produto de trocas e aprendizados entre estudantes de graduação e professores dos departamentos de História e de Ensino de História. A forma que tomou a intervenção, de oficina de 2 períodos, é uma marca do PIBID-História, projeto que incentiva a inserção progressiva no ambiente da sala de aula da Educação Básica. A atividade tem como base o texto “Ritos Corporais entre os Nacirema” de Horace Miner, de 1976, relato etnográfico sobre um suposto grupo de seres “exóticos”, com hábitos e práticas “selvagens”, que habitam o norte do continente americano. Parece ao/à leitor/a que trata-se de mais um texto antropológico baseado no método de inserção etnográfica em uma sociedade estranha aos costumes considerados “ocidentais”. No entanto, a nota no fim do texto nos traz a surpresa que despertou nosso interesse em levar este material a turmas de Ensino Médio de uma escola em Porto Alegre: a palavra *nacirema* lida de trás para frente torna-se *american*. O texto de Miner gira em torno da sociedade estadunidense da metade do século XX – ou seja, “nós” somos os “outros”. Esta virada fez com que pensássemos na potência que este material poderia ter no ambiente escolar, nos permitindo exercitar uma postura docente diferente da prática meramente “explicadora” de educadores, propondo algo que nos parecia distinta das dinâmicas geralmente entediadas das aulas, e algo que nos permitisse inclusive “brincar” com adolescentes não tão mais jovens que nós, professores iniciantes. Isso foi possível, no nosso caso, fazendo pequenas alterações no texto original e não revelando às turmas, após a leitura do material, que a sociedade descrita é muito mais próxima à nossa do que parece, incentivando que os/as estudantes trabalhassem com os estímulos imaginativos que relatos etnográficos nos provocam: a repulsa e a fixação pelo corpo entre os nacirema, os rituais diários, os “feiticeiros de dentes”, os “templos”...Cartazes e pequenos textos foram produzidos pelas turmas antes e depois da “revelação” - que nem sempre foi necessária, visto que em algumas turmas estudantes inquietaram-se mais e já desconfiavam que as práticas “taumatúrgicas”, “religiosas”, “místicas” e “exóticas” descritas eram na verdade as nossas. Para a maioria, a atividade causou surpresa e até espanto em alguns momentos, o que fez com que nos perguntássemos por que e como uma sociedade deixa de parecer estranha e exótica a partir da simples inversão do seu nome. A atividade deu espaço para discussões frutíferas com e entre as turmas, sobre conceitos como etnocentrismo, etnografia, exotismo e preconceito, discussões que superaram a tendência “conteudista” e linear de ensino e aprendizagem. Entre bolsistas, as reflexões giraram em torno da postura docente, da necessidade de ver e ouvir o que se passa durante uma aula, uma fala do/a professor/a, e como tudo isso pode se concretizar como construção coletiva de conhecimento, de pesquisas e principalmente, de perguntas sobre e para o mundo.

Palavras-chave: nacirema, etnocentrismo, preconceito.